

MORFOLOGIA – UMA ENTREVISTA COM MARK ARONOFF

Mark Aronoff

State University of New York at Stony Brook

ReVEL – Quais foram os principais marcos no estudo da Morfologia?

Aronoff – Acredito fortemente na continuidade da Lingüística. Os trabalhos que mais influenciaram minhas idéias desde o começo foram os clássicos do estruturalismo norte-americano: *Language*, de Bloomfield, *Language*, de Sapir, e os trabalhos em Morfologia de Harris, Hockett e Nida. Juntamente com Saussure e Baudouin de Courtenay, esses estudiosos estabeleceram os problemas fundamentais envolvidos em qualquer teoria morfológica, e suas preocupações permanecem relevantes ainda hoje.

Nos últimos cinqüenta anos, eu destacaria o livro-texto de Matthews, *Morphology*, como sendo o trabalho mais importante. A maioria dos morfologistas de hoje trabalha dentro do modelo geral que ele apresentou.

ReVEL – Sua tese de Doutorado, *Word Formation in Generative Grammar*¹, ainda é um trabalho de grande influência. O senhor poderia nos falar um pouco sobre algumas das idéias centrais desenvolvidas ali que ainda são interessantes para os estudos em Morfologia do século XXI?

Aronoff – Esse trabalho foi baseado na noção de que a Morfologia deveria ser

¹ ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Linguistic Inquiry Monograph No. 1. Cambridge: MIT Press, 1976. (Versão publicada da tese de Doutorado de M. Aronoff)

tratada como um objeto de estudo em si mesma e não apenas como uma fonte de dados para teorias sobre outros aspectos da linguagem. Eu ainda acredito nisso. A noção de bloqueio (*blocking*), que é muito antiga, mas que meu trabalho trouxe novamente à tona para os lingüistas modernos, também continuou central, ainda que hoje mais nos estudos de inflexão. O estudo da produtividade se beneficiou de novos métodos, tanto quantitativos como experimentais. A melhor evidência de que o livro continua influente é o fato de que ele segue sendo editado, passados mais de trinta anos.

ReVEL – O senhor tem trabalhado com a Morfologia e suas relações com outras subáreas da Lingüística, como a Fonologia, a Sintaxe, a Semântica e a Psicolingüística. Qual é a importância que o senhor vê no estudo de relações entre a Morfologia e essas outras áreas? Qual a importância desses estudos de interface para o trabalho em Morfologia?

Aronoff – Nos últimos quinze anos, eu tenho alargado a noção de Morfologia por si mesma, a idéia de que ao menos certos aspectos da Morfologia são autônomos. Mas a única maneira de demonstrar autonomia é através da interação. Uma das características da linguagem como um sistema é a medida em que os componentes realmente interagem. Essa interação costumava ser vista mais ou menos como sendo linear, com um componente alimentando outro (a ordem exata dependia da teoria adotada), mas cada vez mais ela é vista como algo muito mais complicado do que isso.

Eu sempre fui bem católico na minha escolha de ferramentas e métodos, usando análise lingüística tradicional, técnicas experimentais, ferramentas computacionais ou o que fosse. Especialmente graças ao crescimento da Internet, existem agora diversos métodos e ferramentas baseados em corpus, disponíveis para qualquer um. Até mesmo uma ferramenta simples como o Googlefight (www.googlefight.com) pode fornecer resultados muito interessantes sobre produtividade, que seriam completamente impensáveis alguns anos atrás.

Nos últimos seis anos, eu passei uma boa parte de meu tempo estudando línguas de sinais, que forneceram um entendimento completamente diferente sobre Morfologia, por causa do efeito visual do meio e da novidade de muitas línguas de sinais do mundo. Em alguns casos, fomos capazes de documentar o desenvolvimento da morfologia praticamente em tempo real, o que é muito emocionante.

ReVEL – Muitos estudos recentes em Morfologia e Fonologia têm sido desenvolvidos dentro do quadro da Teoria da Otimidade (OT). Como o senhor avalia o modelo, especialmente no que concerne à Morfologia?

Aronoff – Há alguns anos, meu aluno de Doutorado, Zheng Xu, me propôs a possibilidade de um tratamento em OT da realização da morfologia flexional. A idéia básica era codificar as regras de realização morfológica como restrições em OT, que poderiam ser ordenadas e ranqueadas com outras restrições, e tratar princípios morfológicos dessa mesma maneira. Ele tocou o projeto adiante e escreveu sua tese, *Inflectional Morphology in Optimality Theory*, aplicando suas idéias a um número de problemas incríveis em morfologia flexional. Nós dois escrevemos diversos artigos desenvolvendo os detalhes de sua análise, que apresentamos em conferências internacionais – alguns textos serão publicados em breve.

O que nós fazemos nesse trabalho é aplicar a OT a fenômenos morfológicos centrais, aqueles que têm relação com a realização morfológica efetiva, incluindo bloqueio (*blocking*), exponência alargada (*extended exponence*), exponência múltipla (*multiple exponence*), ordenação de afixos, escopo e modelos (*templates*) morfológicos. A abordagem em OT para a realização morfológica permite a unificação de fenômenos que antes eram vistos como não sendo relacionados. Ela também nos permite compreender coisas que antes eram simples exceções ou enigmas.

ReVEL – O senhor poderia sugerir algumas leituras fundamentais em Morfologia?

Aronoff – Como mencionei anteriormente, muito do que leio em Morfologia é bem antiquado, porque muitos dos problemas centrais foram mais bem elucidados nesses trabalhos clássicos. Eu revisito regularmente os livros *Language*, de Sapir, e *Language*, de Bloomfield, e até mesmo Saussure e Baudouin de Courtenay. Muitos dos melhores artigos estruturalistas estão disponíveis em *Readings in Linguistics I e II*. Peter H. Matthews é o pai da Morfologia moderna, e sua abordagem é apresentada de maneira bem clara em seu *Morphology*, segunda edição, de 1991. Quem estiver interessado em minha própria abordagem pode se beneficiar da leitura de meus livros de 1976 e 1994, *Word formation in Generative Grammar* e *Morphology by itself*, respectivamente. Também há um livro-texto baseado em um curso que eu dei no Linguistic Society of America Summer Institute há alguns anos (Aronoff e Fudeman 2005, *What is Morphology?* Blackwell), que é bem elementar, mas que apresenta uma boa introdução àquilo que eu penso sobre Morfologia. Trabalhos modernos da última década estão bem resumidos no livro de Spencer e Zwicky, *Handbook of Morphology* (Blackwell, 2001). Entre as correntes mais recentes, eu acho o trabalho sobre paradigmas bem interessante (por exemplo, os trabalhos de Farrell Ackerman, Adam Albright, James Blevins, and Gregory Stump). O grupo de Morfologia de Surrey (*Surrey Morphology Group*) tem feito um trabalho muito bom em tipologia lingüística, e há bastante material disponível em seu *website* (<http://www.surrey.ac.uk/LIS/SMG/>). Para quem está procurando se aprofundar na nova pesquisa baseada em estatísticas, eu recomendaria os artigos de Harald Baayen, Jennifer Hay ou Ingo Plag. Entre trabalhos mais tradicionais, um livro que li recentemente e de que gostei muito foi o *Lexical plurals: a morphosemantic approach*, de Paolo Acquaviva (Oxford: Oxford University Press, 2008), que combina de maneira muito perspicaz uma análise semântica fina com teoria morfológica corrente.